

Lugares de nossas memórias: A Baratinha.

TATIANA DE LIMA PEDROSA SANTOS.*

No final do século XIX, Manaus, era uma capital efervescente! Atraía para si olhares e pessoas que buscavam para si caminhos diversos. Dentre estas pessoas podemos destacar os desbravadores, que em suas bagagens, além da vontade pelo trabalho, traziam o perfume da aventura de viver sob os trópicos numa terra que sofria as metamorfoses oferecidas pelo *boom* da época da borracha.

Os anos de 1880 a 1910, convencionalmente chamados de *belle époque* na história da região amazônica, são caracterizados pela crença na prosperidade e no progresso material. Esse período é a expressão da euforia que marca a sociedade burguesa amazonense e paraense que ostenta suas conquistas materiais baseadas nas redes comerciais estabelecidas a partir da economia da borracha. (DAOU, 2000; 7)

É certo que a economia da borracha insere essa região, antes em isolamento, na economia internacional. O que de certa forma impõe uma dinamicidade própria do decorrer do século XIX, em que a liberalização das economias fazia funcionar e crescer em suas partículas básicas, operações que se estendiam a partes cada vez mais remotas do planeta. O que por sua vez implicava transformações profundas nessas regiões. (HOBSBAWM, p 41)

A economia da Era dos Impérios foi aquela em que Baku (no Azerbaijão) e a baía de Donets (na Ucrânia) foram integradas à geografia industrial, ao passo que a Europa exportava tanto bens como moças a cidades novas como Johannesburgo e Buenos Aires, e aquela em que teatros de ópera foram erguidos sobre os ossos de índios mortos em cidades nascidas do Boom da borracha a 1600 quilômetros rio acima da foz do Amazonas. (HOBSBAWM, 1987; 50)

Este período foi marcadamente um momento de euforia social que contemplou muitas histórias que acabaram sendo entrelaçadas junto aos muitos rios e igarapés da região. Essa visibilidade nacional e internacional anulava as distâncias geográficas e impulsionou a vinda de muitos desbravadores para a região.

* Professora Doutora da Universidade Estadual do Amazonas, Arqueóloga responsável pelo laboratório de arqueologia Alfredo Mendonça da Secretária de Cultura do Estado – AM.

Por outro lado esse é um período rememorado a partir de uma nostalgia burguesa. A memória da Época da borracha naquela que foi a Paris dos trópicos ainda é muito viva para aqueles que a experienciaram e para os que ouviram falar sobre a mesma. Mas eis a questão; a memória que é valorizada é aquela da “cidade que surgiu no meio da selva por encantamento” (DIAS, 2007, p 8). A cidade dos barões, dos cafés, dos arautos produziu e ainda produz certo encantamento inebriante.

No caso, entendemos por modo de vida burguês as formas de comportamento decorrentes da ideologia de privatização que se consolidou na Europa ao longo do século XIX, paralelamente aos avanços da industrialização, valorizando o individualismo, as fronteiras entre o público e o privado, o universo familiar e a ritualização da vida cotidiana, a acumulação de capital (tanto real quanto simbólico), os critérios de "respeitabilidade", a fetichização do consumo e a ascensão social (Andrade Lima, 1995; 2).

De fato as transformações empreendidas durante o período de 1880 a 1910 reclassificaram o status social de tal forma que imprimiram numa memória comum a impressão de um tempo magnífico fruto da lembrança em que apenas se pondera os valores indicativos de uma economia internacional.

Os fatos históricos e acontecimentos são de certa maneira trabalhados em nossas memórias. Em seus vieses, a lembrança que é individual pode passar a ser coletiva, bem como a lembrança que é coletiva passa a ser individual. Nossas noções de realidade podem estar atreladas a noções de memórias. E estas, entendidas como fenômeno coletivo e social, são suscetíveis a construções, flutuações, transformações e mudanças constantes. (POLLACK, 1992, 200-212)

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. . (POLLACK, 1992, p 11-22)

Essa memória herdada sem dúvida nos remete a nossa capacidade finita de guardá-la. Nossa capacidade de relembrar é sempre inexata e falha. Assim estamos sempre em busca de mecanismos que sustentem nossas lembranças. (JONES, 2007, p 251). Dentre esses mecanismos está a solidez e robustez que creditamos à Cultura Material por nós trabalhada. É



como se a “historia em si” precisasse de unidade e credibilidade atestada muitas vezes por nossos objetos.

A história que trago à tona pode ajudar a conhecer como funcionava a Manaus, entre o período de 1880 a 1910, centro exportador e importador no período da borracha.

As Escavações arqueológicas conduzidos em sítios históricos, em especial os vestígios recuperados de fragmentos de louças, deixam entrever histórias, muitas vezes por nós, esquecidas. É o caso da escavação realizada na Catedral Metropolitana de Manaus a partir de 2002, por conta das intervenções de restauro iniciadas em 2001.

Durante o trabalho foi revelada cultura material indígena pré-colonial, de contato, colonial e histórica (MENDONÇA e ANTONY, 2013, p 11). Dos fragmentos de louça simples e decorada, 1243, já foram devidamente analisados.

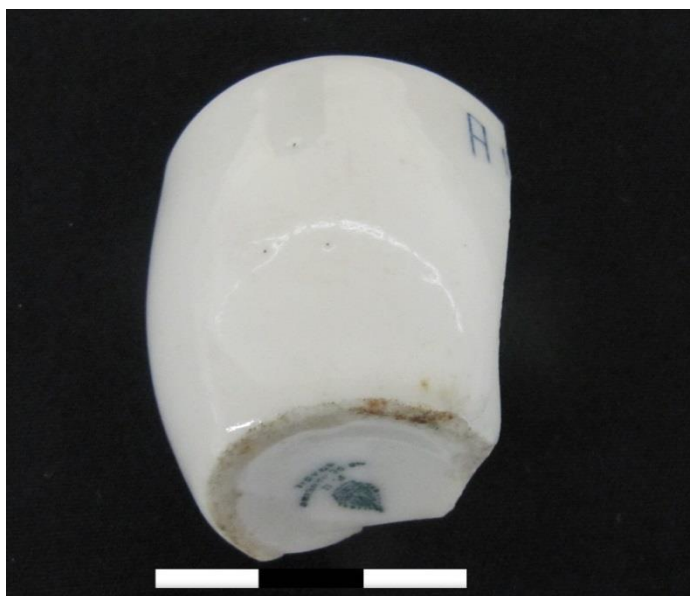
De acordo com os levantamentos históricos feitos durante o projeto Catedral, constatou-se que a mesma ao longo dos anos sofreu várias intervenções. Incluindo a de 1885, um ajardinamento em que se comprovou que a mesma foi aterrada com um material que viria do terreno onde hoje localiza-se o INPA – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (CORREA, 2011, p 35). A catedral, portanto, constituiu-se num verdadeiro centro aglutinador de vestígios de cultura material da cidade de Manaus.

A Cultura Material resgatada no projeto Catedral encontra-se sob a guarda da Secretaria do Estado do Amazonas no laboratório Alfredo Mendonça que fica no Palacete Provincial em Manaus centro aglutinador dos principais museus da região. Parte do material ainda está sendo analisada. Em meio a esse material chama-se atenção para seis fragmentos de xícaras de café, “A Baratinha”.

Figura 1:



Figura 2



Entre os seis fragmentos de xícara de café “A Baratinha”, um especificamente chama atenção pois pode-se ver a marca da fábrica: Fábrica Dom Pedro II (figura 2). Que só passa a funcionar a partir de 1950 (MARTINS, 2013, P 43). “A Baratinha” faz parte do material cultural da Catedral e, portanto do acervo do museu de arqueologia.

Esse Patrimônio arqueológico nos remete a uma herança familiar escrita a partir de 1980. Iniciada com a vinda ao Brasil, de um imigrante português, José Augusto Viégas. Que

vem acompanhado de sua esposa e sua primogênita. Viégas chega, em um de portos de São Paulo por volta do ano de 1890 à 1910, trazendo não só sua mudança, mas o sonho de ser mais um imigrante a vencer nas terras além-mar. (MARTINS, 2013, pp 2-3)

Depois de uma rápida estadia em São Paulo, aceitou o convite de um patrício e deixando o emprego na capital da Paulicéia desvairada, veio ter com toda família em Manaus. Foi então que o sonho construído muito antes do português singrar o além-mar começaria a tomar forma... O sonho de enriquecer em terras tão distantes vem ao encontro de uma cidade em plena ebulição urbanística. Uma cidade que começa a modificar para abrigar esses sonhos.

A cidade da Barra do Rio Negro começa a tomar “ares” de cidade a partir dos primeiros anos do século XX, ação que vem ao encontro do interesse das obras públicas do período. É evidente que a cidade passa por uma grande transformação. Antes disso a Capital da Província do Amazonas era considerada a filha pobre e feia do Império. (MESQUITA, 2006, p 400)

A pequena cidade era cercada por um vasto e rico território, mantinha-se em condição de pobreza, pois não dispunha de braços para explorar suas riquezas naturais; sua população era rarefeita, sua agricultura quase nula e o comércio insignificante. (IDEM, pp. 53)

“Com o dinheiro da borracha, Manaus transformou-se.” “Encontrei uma grande aldeia. Dela fiz cidade moderna”(BITTENCOURT, 2012. P 160). Estas teriam sido as palavras proferidas pelo então governador Eduardo Ribeiro, chamado de “Pensador” por dar cabo das transformações da cidade durante esse período áureo.

É nesses entremeios a este alvorecer da Paris dos trópicos, com suas grandes obras, tal qual o Teatro Amazonas, os carris urbanos operados pela Manaós Railways & Co., as praças (Remédios; República; Tamandaré; Rio Branco) de circulação e exposição do status urbanístico, que os imigrantes começam a aparecer de todos os cantos.

“Vêm doutores e analfabetos. Nem todos decididos a enfrentar o mato; para muitos, Manaus só é uma meta. A grande maioria chega sem nada de seu. Em todos, a esperança ou ambição.” (BITTENCOURT, 2012; 160)

O desafios e tentações de se viver numa cidade que muito prometia atraiu uma leva considerada de gente que vinha em busca da prosperidade e das oportunidades. Nesta última há de se destacar os fluxos próprios de quem vivia do comércio.

Para os aventureiros, os bons empregos e porque não o bom negócio.. “*O comércio paga aos seus empregados o triplo ou o quádruplo do que, ordinariamente, paga-se no Rio de Janeiro ou São Paulo*” (BITTENCOURT, 2012. P 160). As ruas da cidade de Manaus reproduziam uma atmosfera inebriante, ora, ao seringueiro que percebia-se como centro do mundo, a partir de um bolso cheio, ora, ao comerciante que via no mesmo uma oportunidade de lucro. O imigrante português J. A. Viégas fazia parte dessa leva de imigrantes que deixam tudo para tentar a sorte na capital do Amazonas. Dando início a história do café “A Baratinha”.

A Baratinha, trás em seu nome o que o Sr. Viégas pretendia montar em termos de café nas ruas da efervescente capital: um estabelecimento que oferecesse produtos de baixo custo. Aproveitando-se de seus dotes culinários, o café rapidamente logra o sucesso sendo transformado em restaurante. Este por sua vez não só oferece preços acessíveis, como também a “diversidade de alimentos”.

Eram as transformações em que o Sr. Viégas foi rapidamente inserido e absorvido através de suas dinâmicas. As possibilidades, que todo o processo urbanístico sofrido pela Paris dos trópicos, tomava parte agora no plano privado do Sr. Viégas.

As relações do cidadão, do homem comum, se realizam, concretamente no lugar, no plano da vida cotidiana. Neste sentido o homem não habita a metrópole, mas lugares da metrópole onde se desenrola a sua vida, marcada pelos trajetos cotidianos. (CARLOS, 2007; 14)

O restaurante logo ganhou fama pela diversidade e exotismo com que servia suas refeições, constava, por exemplo, em seu cardápio caranguejos, transportados vivos, em grandes barricas de lama, provenientes da vizinha Belém.

O espaço era inebriantemente luxuoso, em que os clientes eram recebidos por seu dono sempre vestido de terno e gravata, em que se podia contar com “*cortesia e excelente conversa* (MARTINS, 2013, PP2 – 3)”. Percebe-se a face do público e do privado nos espaço em que as convivialidades estão se dando de certa forma contribuindo para o crescimento da cidade. (PÁSCOA, 1997, p 26)

A boa comida, a boa conversa, o frescor pitoresco dos ares respirados no café A Baratinha, segundo a neta do Sr. Viégas (MARTINS, 2013), começam a declinar entre os anos de 1900 a 1910.

Quando se fala do período da Borracha logo se vem à mente as transformações que o mesmo nos imprime enquanto memória uníssona. O patrimônio cultural que o período da borracha nos deixou transcende essas memórias... e é transposta pelo tempo através desses sentimentos de resgate inebriantes.

É preciso ter em mente que essa herança herdada transcende as fachadas dos grandes monumentos públicos, ou os festejos de uma praça restaurada pelo poder público... Mas, nos ligamos a essa memória, também e através, dos sentimentos. Como mensurar o significado emocional de uma foto, de uma revista, de uma imagem? (FUNARI E PELEGRINI, 2009, P 9)

Como mensurar o sentimento que fragmentos de xícaras de café nos trazem à memória?

Nos entremeios das xícaras de café “A Baratinha” descobre-se o muito de sua história através das interfaces de memórias. O passado aqui, é evocado através da memória e da história. E apesar de ambas palavras possuírem um sentido comum, as mesmas não se confundem. Halbwachs (1990), apesar de sublinhar a diferença entre as duas, afirma que não se pode confundir memória coletiva com história. A história começa justamente onde a memória acaba e esta é sempre vivida, física ou afetivamente.

Nora (1993), ao distinguir memória e história traz a tona uma nova noção para se trabalhar nas fronteiras dessas experiências: os lugares de memória. A questão histórica que permeia essa reflexão parece ser a chamada aceleração histórica, seus desdobramentos e suas transformações.

Alhures a metáfora, a expressão nos remete a uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, percepção global de qualquer coisa como desaparecida. O arrancar do que ainda sobrou no calor da tradição, no mutismo, do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo determinado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. (NORA, 1993: 03)

Nessas descontinuidades temporais, “A Baratinha”, vai ser rememorada, como nos atesta a data em que as xícaras vieram a serem fabricadas durante os anos de 1950. Segundo Bittencourt (1985) a mesma assume o papel de destaque, não só pelo nome, mas por que se



torna local em que os grandes literatos do Estado do Amazonas encontravam-se para conversar assuntos ecléticos. A localização também ajudava, pois ficava na esquina de duas importantes ruas do centro histórico de Manaus: Joaquim Sarmiento e Henrique Martins.

O que nos chama atenção é o lugar de memória em que o café “A baratinha” nos remete! O anseio ao retorno de um status social entremeado por certas características ritualísticas de determinados grupos, que durante os anos de 1950, acenava numa prerrogativa de modernização da cidade de Manaus. E isso nos oferece a possibilidade de nos indagar sobre determinadas convivialidades que por sua vez geram identidades.

De um lado, a identidade ligada ao que deu certo durante o Período da Borracha, de outro a vontade de se auto-reconhecer e auto-diferenciar a partir de um resgate de memória que insiste em preservar uma determinada marca e por que não um determinado status.

A arqueologia histórica nos oferece um leque de possibilidades para o estudo de nosso passado mais recente. É através de determinados objetos, por exemplo, que podemos nos aproximar de determinadas convivialidades muitas vezes esquecidas.

Os fragmentos de xícara “A Baratinha” nos fizeram pensar, não só nessas convivialidades, mas nos aspectos que esses objetos nos remetem enquanto discurso e esferas de poder, numa Manaus enquanto capital da Borracha.

Reconstruindo através de objetos a identidade do papel característico da imigração ocorrida durante esse período e nos levando a pensar sobre a importância e o status que *um café* tinha numa sociedade que vivia através do comércio.

O contexto trazido pela história do senhor Viégas nos deixa entrever as inúmeras possibilidades abertas a esses desbravadores durante o período da *Belle Époque* amazônica. A forte onda de imigração também foi responsável pela dinamicidade com que o comércio durante o período da borracha vem a tomar parte na economia da região.

Além disso, a memória do café, “A Baratinha”, está intimamente associada ao fato de que o mesmo tornou-se um grande repositório de relações sociais que se estabeleciam ali entre os presentes. Quem poderia “se dar o luxo” de sentar num dos exóticos cafés/restaurantes da Manaus da Borracha? Com toda certeza, as identidades ali presentes nos remetem a um discurso hegemônico daqueles que podiam sustentar os custos de uma sociabilidade ostensiva.

“A Baratinha” é um dos exemplos da Manaus bem comportada; da Manaus agitada pelos negócios; da Manaus que sustenta as alianças políticas, da Manaus orgulhosa e moderna. Este é um, dos muitos cafés da capital da borracha, que nos deixa entrever as distâncias sociais que estavam em embate! Essas distâncias foram, em parte, refletidas nos esquecimentos e higienizações das zonas limítrofes da cidade. Nos deixa entrever os desequilíbrios econômicos e suas repercussões sociais que drenaram os igarapés da cidade. E, quando estes não foram aterrados eis que surge a cidade do “pau-a-pique” que sustenta as inúmeras famílias que irão compor a Manaus periférica e miserável.

Por outro lado é preciso dar destaque a outra problemática que sustenta a cultura corrente desses fragmentos de xícara estudados; a herança ressuscitada. Então, poderíamos falar de patrimônio. O sentimento ou o significado emocional do café “A Baratinha” foi traduzido em materialidade, a partir das xícaras, depois de 50 anos.

Segundo Funari e Pelegrini (2009) ao falarmos em patrimônio, estamos nos relacionando a ideias diferentes. Tratamos de bens que transmitimos aos nossos herdeiros, a materialidade em si, bem como, os bens de valor emocional, como uma foto, um altar doméstico. Estes últimos, a nós nos são caros, no quesito de nossas lembranças. É o que os autores chamam de patrimônio espiritual.

Até agora, tratamos do patrimônio como algo individual, de cada um de nós, mas, a partir de nossas percepções e sentimentos, podemos entender o uso do mesmo termo para se referir àquilo que é coletivo. Há uma diferença essencial, contudo. O patrimônio individual depende de nós, que decidimos o que nos interessa. Já o coletivo é sempre algo mais distante, pois é definido e determinado por outras pessoas, mesmo quando essa coletividade nos é próxima. (FUNARI e PELEGRINI, 2009; 9)

Entender o porquê do café “A Baratinha” ter sido ressuscitado depois de quase 50 anos é entender o papel que o mesmo toma enquanto patrimônio emocional e ao mesmo tempo patrimônio coletivo. É tratar de levantar o sentimento de pertença a um grupo cuja coletividade trás a tona a memória do café com objetivo e interesse sociais específicos. É compreender a tensão existente no qual remonta a vivência desses homens ao rememorar-la. Finalmente, é perceber que a memória do café não foi usada inocentemente, mas com fins claros de ressuscitar uma tradição vivida.

Assim, os seis fragmentos de xícaras do café “A Baratinha”, a nós, são marcos das ilusões de eternidade. Aspecto nostálgico de um tempo em que determinadas individualidades assumiram papel central numa Paris dos trópicos, hoje, esquecida.

Referencias Bibliográficas

ANDRADE LIMA. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Ser. v.3 p.129-191 jan./dez. 1995.

BITTENCOURT, Agnello. *Manaus: Governo do Estado do Amazonas*, – SEC, 2012, p 160.

BITTENCOURT, Ulysses. RAIZ. Rio de Janeiro: Copy & Arte, 1985, pp. 45.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, F. *Porcelana Brasil – Guia de marcas*. São Paulo: All Print, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

CORRÊA, Marcus Vinícius Miranda. *A Cápsula do Tempo: Arqueologia da arquitetura da catedral metropolitana de Manaus*. Biblioteca24horas: São Paulo, 2011.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920*. Universidade Federal do Pará. Manaus: Valer, 1999, 189p.

FUNARI E PELEGRINI, *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2ª. Edição, 2009.

GLASSIE, Henry. *Material Culture*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1999. Pp 435.

GOSDEN, C. What do object want?. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 12, n. 3, 2005.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. Laurent L. Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

- HOBBSAWM, Eric J. A era dos Impérios – 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra:1987.
- JONES, Andrew. *Memory and material culture: tracing the past in prehistoric Europe*, Cambridge university press, 2007, p 251.
- Le GOFF, Jacques. Memória. IN: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4° ed. Campinas: Unicamp, 1996.
- MARTINS, Normélia Mendes dos Reis Pinto. A Baratinha. In: *Memória Arqueologia*. Manaus; SEC_AM, 2013, p 43-44.
- MENDONÇA E ANTONY. A Sé Catedral de Manaus. In: *Memória Arqueologia*, Manaus; SEC_AM, 2013, pp 63.
- MESQUITA, Otoni. *Manaus: história e arquitetura, 1852-1910*. Editora Valer, 2006 – p. 361.
- MORALES, M. Os Usos da louça branca de Colombo: Aspectos Identitários e discursos do poder a partir do diálogo entre História e Arqueologia. Dissertação (mestrado), UFPR, 2010.
- NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- PÁSCOA, Márcio Leonel Farias Reis. *A vida musical em Manaus na época da borracha, 1850-1910*. Ministério da Cultura, FUNARTE, 1997 – pp 245.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.